

O CAMINHAR PARA SI: UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DE ADULTOS E DE PROFESSORES

A **entrevista com Marie-Christine Josso e Margaréte May** é um diálogo que se propõe a abordar de forma simples, direta e profunda o trabalho com História de Vida em Formação. São perguntas interativas que Marie-Christine Josso compartilha com os leitores da *Revista @ambienteeducação*, do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo, que tem como tema “História de Vida e Formação”.

Marie-Christine Josso é socióloga e antropóloga, doutora em Ciências da Educação, professora na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, especializada nas problemáticas da educação de adulto e na formação profissional continuada para acompanhamento, ensino e assistência social e à saúde. Tornou-se conhecida no Brasil através de sua obra “Experiência de Vida e Formação”, publicada pela Editora Cortez, em 2002, trazendo uma inovação para a proposta de trabalho com formação de adultos, ao considerar o lado pessoal e não apenas o profissional, nos cursos de formação profissional e de professores.

Margaréte May: Como começou a sua trajetória com a metodologia da História de Vida em Formação? Por que você escolheu este tema?

Marie-Christine Josso: Utilizei o método biográfico, em primeiro lugar, nas pesquisas antropológicas, mas de forma oral, devido ao fato de as sociedades da África do Oeste serem, essencialmente, sociedades da oralidade e da transmissão oral das histórias das comunidades, mas muito personalizadas. E aqui não se trata dos “heróis”, mas dos homens e mulheres, pais e filhos, etc., constituindo a comunidade. Fui assim sensibilizada pela riqueza de uma abordagem biográfica.

Margaréte May: Que diferenças são atribuídas aos Conceitos de Vivência e Experiência, e Biografia e Autobiografia em teu trabalho com a Metodologia da História de Vida?

Marie-Christine Josso: As vivências constituem o tecido do nosso cotidiano. Nem sempre estas vivências ficam na nossa memória ou propiciam uma ocasião de aprender qualquer coisa recente que vai ficar, enquanto recurso novo, daqui para frente. Pode ser uma ideia nova, um comportamento novo, um saber-fazer num campo de atuação consigo mesmo, com os outros, em situações específicas, com

objetos ou máquinas. É suficiente se referir às competências genéricas transversais, que desenvolvi no livro “Experiência de vida e formação” (terceira edição no palco nos “Clássicos das histórias de vida”, da Coleção Pesquisa (auto)biográfica e Educação (São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN), para perceber que a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isto significa que temos de fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido. Todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências. É por isso que o desafio das situações educativas se encontra na imaginação de formas de aprendizagem que vão surpreendendo o aprendiz. Estas formas oferecem uma oportunidade de transformar a vivência proposta em experiência analisada, no decorrer da situação educativa. Os professores devem cultivar o seu imaginário e a sua capacidade de imaginação, para se tornarem “bons educadores”, ajustados, por um lado, à formação pessoal (existencial) dos alunos e, por outro, aos recursos que eles precisam na sociedade em que vivem.

Margaréte May: Quais resultados foram observados e que você julga serem relevantes para a compreensão do impacto da história de vida na formação e na pesquisa, num momento de crise global como este?

Marie-Christine Josso: Esta é uma questão mais geral, intergeracional, que pode ser enunciada de uma geração à outra da seguinte forma: Quais são os saberes? O saber-fazer, o saber-amar, o saber-pensar, o saber-comunicar e o saber-inventar. Mas como podemos transmiti-los, tendo em conta que não sabemos o que vai acontecer na sua vida pessoal e na vida coletiva? Nos resultados das minhas pesquisas biográficas, penso que o desenvolvimento das competências genéricas transversais, tais como as dimensões do nosso ser-no-mundo, é o mais importante, porque elas exercem o papel básico no desenvolvimento das competências mais históricas, exigidas, culturalmente, na vida coletiva e individual. Ao final, sempre há crises, na história da humanidade e, ainda mais, na história da Terra, de modo que a crise atual não me parece maior do que as outras. Cada patamar da evolução do vivo no nosso planeta foi momento de destruição e de criação. A crise atual é vista com os olhos do passado, mesmo que seja próximo. Aprender a impermanência e as suas consequências me parecem também aprendizagens fundamentais, porque dão uma mobilidade da inteligência nas suas representações, nas suas crenças, nos seus hábitos.

Margaréte May: A relação da metodologia da História de Vida com trabalho terapêutico sofre crítica negativa na academia. A academia não estaria preparada para atender a esta demanda diferente daquela exercida tradicionalmente?

Marie-Christine Josso: Na maioria das vezes, quando “a academia” não gosta de qualquer ideia ou método, isto quer dizer que há pessoas que estão defendendo o seu lugar, o seu prestígio, as suas convicções e o seu poder! Temos de ter consciência disso e deixar passar a caravana... O que não impede de sermos críticos e exigentes com a coerência epistemológica e o processo metodológico.

Margaréte May: A sua recente aproximação com Danis Bois e seu Grupo de Pesquisa, na obra “Sujeito sensível e renovação do eu: as contribuições da Fasciaterapia e da Somato-psicopedagogia”, organizado por Marie-Christine Josso, Danis Bois e Marc Humpich, publicado pela Editora Paulus e pelo Centro Universitário São Camilo-SP, anunciava um estudo sobre o Corpo Biográfico. Este tem sido o foco de seus trabalhos mais recentes?

Marie-Christine Josso: Escrevi um texto importante nesta linha das minhas pesquisas com o título “O corpo biográfico: corpo falado e corpo falante”. Foi publicado na Revista Réciprocités n.º 3 maio 2009 (ver o link no site <www.cerap.org>, website em francês). O paradigma do Sensível associado ao paradigma do singular-plural biográfico abre novos rumos muito originais pela pesquisa (auto)biográfica. O método da somato-psicopedagogia, fundamentado pelo Prof. Dr. Danis Bois e a sua equipe, na Universidade Moderna em Lisboa, e, agora, na Universidade Fernando Pessoa, no Porto (Portugal), no nível de Mestrado e, este ano, no nível de doutoramento é, sem dúvida nenhuma, uma psicopedagogia do ser-no-mundo. É um ser enraizado na sua realidade corporizada e que produz este trabalho com o nosso corpo no decorrer das aprendizagens. É verdadeiramente uma revolução educativa. No Brasil, foi lançado “Sujeito sensível e renovação do eu: as contribuições da Fasciaterapia e da Somato-psicopedagogia” organizado por mim, Danis Bois e Marc Humpich, publicado pela Editora Paulus e Centro Universitário São Camilo-SP, e a obra *Eu Renovado*, de Danis Bois, publicado pela Editora Idéias e Letras. Sobre a Somato-psicopedagogia, o processo de transformação e tomada de consciência das pessoas passa por uma educação do corpo, conforme o paradigma do sujeito sensível, a memória, imanente em cada órgão de nosso corpo, entre o somato e o psíquico, guarda uma história vivida pelo sujeito. É possível obter mais informações no artigo publicado na Revista @ambienteeducação, n.º 1 (<http://www.cidadesp.edu.br/revistaambienteeducacao>), intitulado “A emergência do paradigma do Sensível”, de Danis Bois e Didier Austry, sobre o tema Formação e Aprendizagem.

Margaréte May: Qual a influência ou impacto de Paulo Freire em teu trabalho?

Marie-Christine Josso: Foi o seu método de análise dos discursos e dos silêncios, como fonte das realidades essenciais, que inspiraram o desenvolvimento da minha maneira de analisar e interpretar as narrativas escritas, no diálogo com autores das narrativas de formação de si, ao longo da vida.

Margaréte May: Que semelhanças podem ser atribuídas entre História de Vida em Formação com a Pesquisa (Auto)Biográfica brasileira?

Marie-Christine Josso: Há uma diversidade espantosa nas pesquisas brasileiras, com muita originalidade nas abordagens metodológicas. Alguns pesquisadores ou algumas pesquisadoras sozinhas ou em equipe nutriam as suas próprias questões com as minhas pesquisas e os meus conceitos. A perspectiva da formação dos professores e dos adultos está muito bem representada no Brasil. Penso que a pesquisa brasileira, mais que à européia, poderia se autorizar uma mestiçagem, como se fosse um eco ou uma ressonância à sua diversidade cultural e ao cruzamento dos pensamentos dos seus oriundos. Tudo isto para acabar de dizer que há mais diversidade, de fato, no Brasil, graças à junção com os historiadores e às práticas com públicos mais pobres e pouco escolarizados.

Margaréte May: Quais são suas expectativas em relação ao IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (cipa) no Brasil, a ser realizado na USP em julho de 2010?

Marie-Christine Josso: Desejo mais abertura para a saúde, as artes, as formas “numéricas” da autobiografia e mais espaço para as mulheres.

Margaréte May: Fique à vontade para abordar outros temas que considere relevantes e/ou impactantes para provocar a reflexão e o diálogo e que, porventura, deixamos de falar a respeito, ou para fazer comentários sobre a Experiência de “Caminhar para si”.

Marie-Christine Josso: *Caminhar para si*¹, título dado à publicação da minha tese de doutorado (O sujeito em formação) continua a ser a palavra-chave da minha vida espiritual, existencial e intelectual. Esta frase é um verdadeiro pilar para mim, porque me permite (re)questionar regularmente o rumo da minha vida e se continuo a... navegar; mas “não sou eu quem me navega quem me navega é o mar”, como canta o português, João Afonso.
Genebra, novembro 2009

Nota

- 1 *Caminhar para si* vai ser publicado no Brasil pela PUCRS, EDUFERN e PAULUS na coleção “Clássicos...” uma iniciativa da Amiga Professora Maria Helena Menna Baretto Abrahão, que também redigiu o prefácio.

Margaréte May Berkenbrock-Rosito

Doutora em Educação pela UNICAMP-SP, docente pesquisadora na Universidade Cidade de São Paulo, coordenadora científica do volume 2, número 2, da Revista @mbienteducação.